

## A respeito de uma poeta que só conheceu o mar pelo rumor que faz um livro

Victor da Rosa

MARQUES, Ana Martins. *O livro das semelhanças*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

*O livro das semelhanças* (2015), talvez o mais notável da poeta mineira Ana Martins Marques, poderia ser comparado a um encontro amoroso entre dois desconhecidos, talvez a um mapa precário de uma cidade também desconhecida ou então a um espelho, ou seja, poderíamos ler seus poemas como se o livro fosse uma sala repleta de espelhos, necessariamente desconfiando das suas pistas e das imagens que refletem – e que tanto surpreendem.

Além disso, o livro se parece com ele próprio, embora não possamos ter tanta certeza dessa correspondência. Afinal, o livro a que o título se refere é realmente este que temos em mãos? Ou seria algum outro, secreto ou ignorado? Por exemplo, *O livro das semelhanças* é dividido em quatro partes – “Livro”, “Cartografias”, “Visitas ao lugar-comum” e justamente “O livro das semelhanças” –, o que poderia nos levar a especular que o título se refere apenas a esse último conjunto de poemas. Mas a artimanha da poeta se mostra ainda mais ardilosa quando descobrimos que, no interior desse último conjunto, há um poema belíssimo que se chama “O livro das semelhanças”, e que trata justamente das correspondências possíveis entre as coisas, e também da falta delas. Em suma, toda semelhança é uma forma de armadilha, já que a boa armadilha – como ocorre com a poética de Ana Martins Marques – se parece com algo diferente daquilo que manifesta, para lembrar outro livro da poeta, *Da arte das armadilhas* (2011).

Michel Foucault em *As palavras e as coisas*, talvez o grande tratado do século XX sobre o assunto do livro de Ana Martins, escreveu que uma semelhança é o que há de “mais manifesto e mais oculto na linguagem”.<sup>1</sup> Ou seja, uma semelhança precisa ser assinalada na linguagem, criando vínculos entre a palavra e o mundo, e tornando o mundo

---

1. FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 36.

então inteligível, mas ela não será jamais clara ou transparente, e sim um zigue-zague indefinido e encoberto, ou então um “biombo”, conforme a síntese de um dos primeiros poemas do livro, “Capa”: “Um biombo/ entre o mundo/ e o livro”.<sup>2</sup> Em poucas palavras, semelhança seria tudo aquilo que permanece instável ou não dito entre duas regiões, não exatamente nas palavras ou nas coisas, e sim entre elas. O poema “Capa” anuncia que as palavras e as coisas – o livro e o mundo – vão se separar.

E é por conta dessa separação, portanto, logo anunciada pela poeta, minuciosamente reaberta e examinada no decorrer dos poemas-biombos, que a linguagem passa a vaguar sem referência, ou seja, sem proteção, e a nos pregar pequenas peças, como essa do título – forjando ainda verdades precárias, fazendo promessas que não serão cumpridas ou marcando encontros em lugares inexistentes, a exemplo deste: “Combinamos por fim de nos encontrar/ na esquina das nossas ruas/ que não se cruzam”.<sup>3</sup>

O livro se inicia com o poema “Ideias para um livro”, que descreve seis diferentes ideias, a exemplo de “Uma antologia de poemas escritos/ por personagens de romance”, e “Um livro de poemas/ que sejam ideias para livros de poemas”. A última delas, descrita de modo ainda mais sucinto, parece ser a do próprio livro que o leitor segura: “Este livro/ de poemas”.<sup>4</sup> Mas qual seria exatamente a ideia? Apesar de sua forma tão franca e direta, o poema é ambíguo, evasivo;, pois anuncia uma ideia, mas sobre ela não diz mais nada, oferecendo ao leitor uma solução vazia. Além do mais, o poema faz a função de retardar o livro (das semelhanças) que ora se inicia, efeito que é confirmado com a série de poemas que vem logo na sequência – são pequenas meditações sobre o livro como objeto, da capa ao colofão – e que lembram a melhor poesia de Joan Brossa.<sup>5</sup> Em suma, “Ideias para um livro” ao mesmo tempo que designa, também retarda, manifesta mas só para ocultar depois, fazendo do poema uma espécie de truque, prestidigitação.

Uma das consequências de leitura sugerida por esse método evasivo de composição é que, como escreve Foucault a respeito da pintura de Velásquez, o livro de Ana Martins nos lança em “uma rede complexa de incertezas”.<sup>6</sup> Não se trata de incertezas

---

2. MARQUES, Ana Martins. *O livro das semelhanças*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 13.

3. *Idem*, p. 40.

4. *Idem*, p. 9.

5. Ver, por exemplo, BROSSA, Joan. *Escutem este silêncio* (Tradução de Ronald Polito. São Paulo: Lumme Editor, 2011), cujos poemas também poderiam ser comparados a prestidigitação.

6. FOUCAULT, Michel. *Op. cit.*, p. 3.

apenas sobre o fazer literário, tão recorrentes em seus textos metalinguísticos, mas também sobre o amor e o mundo – as relações, os objetos, as praias, os percursos dos mapas, os lugares-comuns. Na poesia de Ana Martins, todos esses saberes se parecem à medida que são costurados por esses pequenos fios que podemos chamar de palavras, o que se nota na exploração de versos mediados pela conjunção “como”. Mais do que isso, o livro nasce e se completa somente para que, em movimento pendular, possa se desfazer depois, agora como poeira ou luz, segundo sugestão de “Poema de trás pra frente”, o último do volume: “[...] acendo um poema em outro poema/ como quem acende um cigarro no outro// que vestígio deixamos/ do que não fizemos? Como os buracos funcionam? [...]”<sup>7</sup> Outra vez, no entanto, não há respostas.

De um modo ou de outro, Ana Martins parece ser testemunha de um mundo que não existe fora do poema, em uma elaboração de linguagem abertamente nominalista, daí seus textos serem repletos de pontos cegos tão próprios da escrita poética, assim como de soluções enigmáticas, recomeços, gestos interrompidos e sobretudo movimentos em torno deles próprios. E por isso a poeta nos lembra a todo tempo que estamos lendo poemas: “Primeiro poema”, “Segundo poema”, “Boa ideia para um poema”, “Não sei fazer poemas sobre gatos”, este último uma demonstração em ato de que a poesia da autora é tão furtiva como os felinos, não sendo possível então capturá-los.

No entanto, não se trata de uma concepção transcendente ou autônoma da poesia, imune aos pequenos acontecimentos da vida cotidiana ou mesmo aos lugares-comuns. Pelo contrário, certas frases feitas servem de material para uma série de poemas em que Ana Martins parte de expressões como “Quebrar o silêncio”, “Pagar para ver”, “Dobrar a língua”, “Esperar horas a fio”, entre outras, e confere a elas um desdobramento que sutilmente inverte seus sentidos, afinal “é bom usar palavras que nunca usamos”.<sup>8</sup> Nesse sentido, as palavras são como copos que se quebram, para que os cacos sejam recolhidos depois, ou então para que se corte, tanto faz.

O crítico Murilo Marcondes de Moura já havia notado, na orelha de *A vida submarina* (2009), que a poesia de Ana Martins sintetiza uma “equação rara”, pois “a elaboração dos poemas é concomitante à reflexão sobre o vivido, e nesse estreitamento entre linguagem e experiência talvez resida a [sua] maior força”.<sup>9</sup> Pois semelhanças são

---

7. MARQUES, Ana Martins. Op. cit., p. 108.

8. Idem, p. 68.

9. MOURA, Murilo Marcondes. Orelha do livro. In: MARQUES, Ana Martins. *A vida submarina*. Belo

também tentativas de costurar pequenos vínculos (secretos, submarinos) entre poema, corpo e mundo – ou seja, a leitura do tema amoroso, por exemplo, não pode ser desligada das rumações da poeta em torno de seu ofício, o que, por sua vez, se torna uma forma de interrogar o mundo, o estado das coisas, a passagem do tempo e a relação com o outro.

Como se descrevesse um mundo dobrado sobre si mesmo, mundo-mapa-múndi, a poesia de Ana Martins adquire a forma da rumação e da reserva, que passa necessariamente pela elaboração íntima – flagrante indicação do caráter miniaturista de sua escrita, tão atenta aos pequenos gestos, aos desejos mínimos e ao próprio corpo, sendo o tom jamais elevado. E em contato permanente e ambíguo com o leitor. Parte do prazer que consiste na leitura do *O livro das semelhanças* tem a ver com a posição de ler o poema como quem ouve de alguém um segredo, mas aí também seria preciso alguma prudência e pé-atrás, pois não há qualquer confissão na poesia de Ana Martins, e sim jogos de cena, pequenos truques e muita história mal-contada; a certa altura, a poeta acaba por deixar claro que “um segredo se paga/ com outro segredo/ ainda que/ inventado”.<sup>10</sup> Afinal, parafraseando outro poema do livro, todas as palavras neste livro pareciam escritas para você, leitor, ou seja, só pareciam. Pode ser o mar, mas pode ser só o rumor que faz um livro.

---

**Victor da Rosa** é doutor em Literatura pela UFSC. Atualmente realiza pós-doutorado pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus São José do Rio Preto, por meio do programa PNPD da Capes.

-----  
Horizonte: Scriptum, 2009.

10. MARQUES, Ana Martins. *O livro das semelhanças*, cit., p. 75.